ANO 3.º LISBOA--SEGUNDA-FEIRA, 12 DE NOVEMBRO DE 1923 N.º 798

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 43

EM FÓCO

Anibal Lucio de Azevedo

e o negocio das moedas

UMA QUESTÃO DE VELOCIDADE

Amotinou-se o Lucio. Por intermedio do *Seculo,* avisou-nos no sabado que nos vai processar. E' a guerra em forma, com todas as tubas a atroar os ares.

Ai de nós! Ai de nós!

Se não fôra um bom humor invencivel, que constitue a nossa unica riqueza, deviamos estar a estas horas tão palidos como Lucio é vermelhusco.

Para nos atacar ou para se defender tem o parlamento, a imprensa, a sindicancia á Casa da Moeda e a Boa-Hora. Está polifonico o Lucio.

Pouco lhe importa que se proceda ao apuro previo da sua administração e outras miudesas irritantes: o importante é romper a todo o galope para conquistar a opinião, embrulhando questões que muito convem ir resolvendo pela sua ordem. Ainda não recebemos qualquer citação para comparecermos no tribunal.

Não se deteve o Lucio, para quem a correcção pouco vale: atirou logo para um jornal de larga tiragem a queixa fulminante que contra nós apresentou ou vai apresentar. Apelando para a justiça, entendeu saloiamente que nos devia informar do seu gesto não pela propria justiça, mas sim pela publicidade do *Seculo.*

Isto é perfeito, como exemplo de desnorteamento ou de falta de percepção de certos respeitos e delicadesas.

Não seria mais justo e até mais galante que Lucio nos fizesse citar primeiro e que depois fragorosamente apregoasse as suas virtudes?

A vertigem que o domina não lhe dá margem para compreender coisas tão simples. Colerico, avança colericamente—cegamente, portanto.

Que teve ele em vista?

Provavelmente sobrepor-se a apreciações que o julgavam com severidade, mostrando-se fero, asanhado, destemido e ameaçador.

A sua desvairada visão dos acontecimentos em que se perde e alucina, fez-lhe vêr que quanto mais volumoso se fizesse, mais iracundo se mostrasse, tanto mais desanuviaria a sua situação. Os timidos e indecisos cobrariam medo. Daí a pagina tremebunda que *O Seculo* no sabado publicou.

Como rasgo de sciencia psicologica, corresponde ao estoiro dum balão de papel. Então, só agora é que lhe chegaram as pressas? Porque não veiu ás colunas do *Diario de Lisboa*, quando o nosso redactor tão cativantemente o convidava a não ser esquivo?

Porque não requereu logo uma rigorosa sindicancia aos seus actos como administrador da Casa da Moeda, apenas começaram a correr noticias a respeito da sua intervenção, no caso dos discos?

Porque não exerceu logo a sua autoridade contra os que chamou *brasseurs d'affaires,* se estes realmente existiam?

Porque, depois de ameaçar com arreganho demolir meia duzia de reputações politicas, só a muito custo gaguejou dois nomes de pessoas insuspeitas?

Porque escolheu o Parlamento, a fim de fazer as suas revelações *sensacionais,* quando, como funcionario do ministerio das Finanças, se devia abrir com o seu proprio ministro?

Porque tartamudeou tanto a sua voz, na Camara, engulindo em seco, sem coragem para cumprir o que prometera?

Não encerram todas estas preguntas provas manifestas do seu pouco zelo em explicar-se, varrendo a sua testada com denodo?

Quando requere o inquerito á sua fortuna pessoal, seguindo o exemplo nobre do sr. Velhinho Correia?

Lucio julga que ha-de sair-se de dificuldades, lendo oficios, como na celebre sessão em que imaginou soterrar o seu superior hierarquico. Se tal se pudesse dar, ele seria formidavel como o Anibal, de Cartago, pois venceria a batalha de Canas, com golpes de papel e uns oculos.

Este caso trêdo em que agora se encontra, em luta comnosco, ha-de ser um pouco mais dificil. Apesar da pasmosa velocidade que hoje o anima, breve reconhecerá que necessita ir de vagar.

Lucio, ponha os nervos no seu lugar, porque a galope, despedaça-se em qualquer barranco!

A verdade é de sua natureza delicada, pois só se deixa prender em mãos frias e muito cariciosas. Você, Lucio, já cuidou deste grave problema—pulir as unhas e afilar os dedos?

* * *

Quando do governo do sr. dr. Afonso Costa, em 1913, um grupo de republicanos, descontentes com a acção de um dos seus ministros, publicou um manifesto que não lhe era inteiramente agradavel. Uma das pessoas que mais irritada se manifestou foi o nosso Lucio que, dirigindo-se a um dos seus signatarios, o sr. Alvaro Santos, actual proprietario do *Trianon,* censurou o seu procedimento, exaltando até ás nuvens o ilustre chefe do P. R. P.

Correm os anos, e em certo dia do passado mês de setembro, entra rumorosamente pela pela porta do *Trianon,* o mesmo Lucio. Comeu e beberricou, desatando a lingua, em conversa com o sr. Alvaro Santos, contra o sr. dr. Afonso Costa, que acusou de responsavel da nossa crise, cheia de pavores.

—Como se operou tamanha mudança num homem, sempre submisso, perante os fortes? perguntou a si mesmo o sr. Alvaro Santos.

Como não achasse uma resposta facil, não se incomodou mais com isso.

Começou o *Diario de Lisboa* a ocupar-se do caso dos discos e logo todas as duvidas se lhe desfizeram. Achara a chave do enigma. Constando a um amigo do sr. dr. Afonso Costa o atrevimento do Lucio, abordou este um dia na rua e diz-lhe:

—«E' verdade que tu estiveste no *Trianon* a dizer cobras e lagartos contra o Afonso?»

Resposta pronta do interpelado:

—«E' mentira! Eu nem sei onde é o tal *Trianon...*»

* * *

Quando do dezembrismo, Lucio foi preso e conduzido para S. Julião da Barra, onde tantos republicanos passaram dias da maior amargura.

Como o governador do forte era o sr. coronel Ferraz, que o conhecia da Fabrica da Polvora, em Barcarena, acolheu-o com especiais, deferencias, dando-lhe uma boa cama e sentando-o, algumas vezes, á sua mesa.

Os seus companheiros de carcere dépereciam, mas ele engordava. Chorava com as vitimas, mas regalava-se com o opressor. Lá bem dentro de si pensaria:—«Que rica vida!»

Um dia, chega a ordem para ser posto em liberdade o Lucio. A' despedida, com as lagrimas nos olhos, abraçou o coronel, significando-lhe o seu reconhecimento.

Desabou o dezembrismo e logo se enfurece o Lucio. Apesar de ser engenheiro por um decreto, não adquiriu pelo mesmo engenhoso processo o conhecimento da gramatica e da estilistica. Só fez isto: com as luzes que pôde reunir, escreveu uma carta, que foi publicada no *Mundo,* na qual diz ao seu amigo Ferraz que se está nas tintas para os favores que dele recebeu.

E mais coisas feias...

* * *

Uma vez, na Camara, discutia-se a embrulhada dos Transportes Maritimos. Era ministro do Comercio o honrado e inteligente Lima Bastos. Lucio atirou-se a ele com furia de possesso. Aquele, já massado com os seus gritos irritantes e molestos, diz-lhe:

—«O senhor parece que tem na ponta da lingua uma navalha de ponta e mola?»

Intervenção conciliadora, mas espirituosa, do sr. dr. Nuno Simões:

—«O' sr. ministro, não faça caso, que ele, na lingua, só tem um berimbau!»

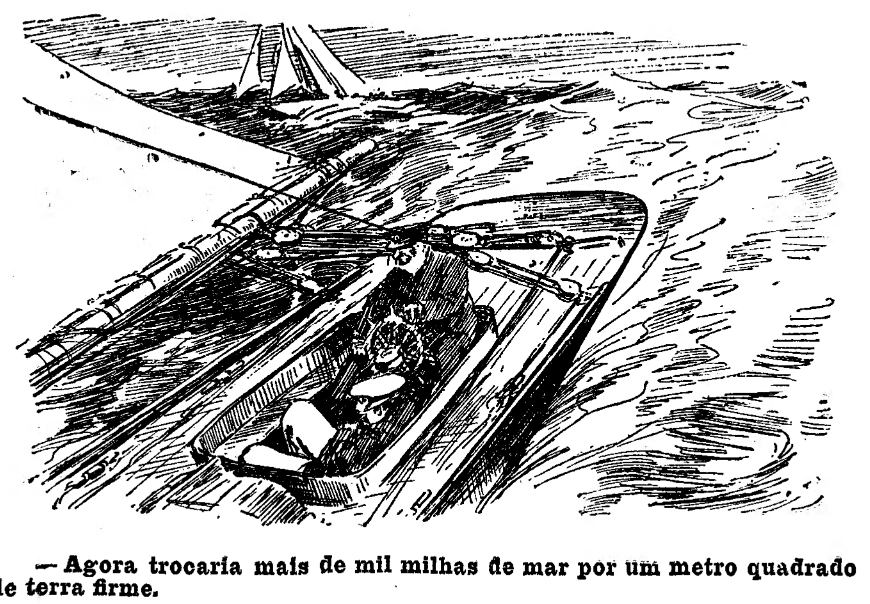
* * *

Como pessoas de piedosas intenções têm querido apurar quem foi o concorrente que nos moveu a tratar do caso dos discos, afirmamos mais uma vez que não obedecemos a sugestões alheias nem interesseiras. Contra o emprego do bronze-aluminio, defendemos—leiam-se os artigos do *Diario de Lisboa*—que a nossa moeda fôsse de cupro-niquel—o que acabava com toda a casta de concorrentes, visto o Estado ter na sua mão o cobre que apreendeu a bordo dos navios ex-alemães.

Visto que Lucio nos chama ao Tribunal, a verdade lá saltará limpida e casta como o brilho das estrelas. O *Diario de Lisboa* será defendido por dois jovens advogados, honestos, inteligentes e republicanos sem macula.

* * *

NO ALTO MAR



— Agora trocaria mais de mil milhas de mar por um metro quadrado de terra firme.

A politica

Federalismo e centralismo

O governo-provisorio da Republica realizou o possivel, quanto ás transformações exigidas pela mudança do regimen politico. Mas não podia fazer tudo. Competia ao ministerio imediato orientar, de vez, a essencia doutrinaria dos destinos vindouros. Desprendeu-se ademais, dos debates da Constituição, porquê? Porque as vistas se concentraram na escolha do novo presidente. Teofilo Braga interveiu naqueles debates. Mas a pouquêsa dos congressistas, com a filaucia habitual ás aglomorações hetorogeneas, desatendeu-lhe os sabios conselhos. Afonso Costa adoecera.

—Cêrca de vinte anos antes, indicara-se o caminho a seguir, no *Programa da Democracia*. Publicara-se a 11 de Janeiro de 1891, colaborado com um incomparavel espirito sintetico, dos maiores que o mundo pensante conhece. Organizando os poderes do Estado, e dividindo-os nas três categorias comuns—legislativo, executivo, judicial—, estabelecia, acêrca do primeiro, a federação dos municipios e a federação das provincias. Partia-se das assembleias locais, pelas regionais, para a nacional. Determinavam-se as gradações expontaneas, sucessivas, rompendo-se contra o asfixiante centralismo.

Desacertou-se, esquecendo esse compromisso dos arduos tempos da propaganda. Sobe de ponto o desaviso, lembrando-nos de que se trasladou a nossa lei basica do existente numa nação de instituições federativas,—o Brasil.—Preferiu-se manter a engrenagem caciqueira dos governadores civis e dos administradores de concelho. Perfilhava-se, assim, o processo absorcionista da monarquia. Erro inconcebivel!

Observar-se-ha que a transição era muito brusca. Mas não se promulgaram diplomas altamente revolucionadores, e que implicavam um abalo tremendo nos costumes portuguezes?!... Ninguem o negará. Ora a estrutura federal, descongestionando as secretarias do Terreiro do Paço, comunicaria logo vida nova ás provincias e ás suas celulas primarias. O aspecto geral do povo, e as suas qualidades administrativas, transfundir-se-iam muito mais depressa. Só quem nunca as percorreu lhes ignora as atrozes deficiencias—e a mazorrice.

O poder executivo repartia-o Teofilo, nesse explendido programa, por três grandes ramos—o da segurança, o da educação, o da economia. Tambem permanece incumprido. Improvisou-se um nome esdruxulo, para o ministerio das Obras Publicas, á maneira de Espanha, e o de Interior, á moda francesa, para o do Reino, cuja placa ainda se ostentava, em 1917, num dos umbrais dos grandiosos edificios pombalinos. Os serviços, criando-se outras secretarias, aliás necessarias, descoordenaram-se de modo censuravel. A do Trabalho ou abrange a lavoura, a industria e o comercio ou não exprime, conforme se encontra, coisa nenhuma. O da Agricultura, porêm, deve subsistir, destacando-se do que intitularam do comercio, da industria e dos transportes.

Parece-nos oportuno, por isso, o momento de agora, em que as gentes dos municipios, dos distritos, das provincias, num concerto de aspirações, despertam do seu longo letargo, renovar-se esta campanha de principios. Abandone-se a pessoalite, molestia que tanto nos desangra, polindo-nos, e trave-se a peleja á volta desse ideal nobilissimo.

Definir-se-hão melhor as fileiras, caracterizando-as, recompondo-as. Os *partidos*, já que se lhes não ajusta um designativo superior, poderiam fitar-se nas duas correntes—a federal e a centralizadora. Aquela, suponhamos, defenderia o presidencialismo; esta, o parlamentarismo. Porque, na verdade, carecem de sentido as expressões nacionalista, democratico, radical, etc. O proprio socialismo pulverizou-se em dezenas de seitas, perdendo o significado internancionalista que se lhe atribui.

Os homens práticos, o que vale dizer os negativistas e comodistas de todas as epocas, talvez julguem impropria desta hora grave semelhantes frases. A nós, todavia afigura-se-nos o inverso. Claro que se concorda na fremencia de resolver certos problemas e marcadamente o economico-financeiro ou, significando, o do tesouro.

A crise portuguesa de hoje equipara-se á do Brasil, em 1898, quando o sr. Campos Sales assumiu a magistratura suprema da terra irmã e o dr. Joaquim Murtinho se encarregou de gerir a pasta das finanças. O cambio descera a 5. Reclamava-se um pulso de ferro. E o impassivel medico-engenheiro possuia-o. Transcorrido um quadrienio, as arcas estavam repletas e o conceito do paiz reabilitára-o, perante os credores de fora. O forte estadista começára pela cupula. Mas preocupou-se igualmente dos alicerces. E, ao pedirem-lhe os cafeistas, um grosso auxilio monetario: Murtinho recordou-lhes a receita do Pombal para os vinhedos excessivos. Aplique-se *el cuento*: menos cepas.

A nossa grei, achando-se em condições identicas, precisa, caso pretenda normalisar as suas contas, de sofrear as endemias chinirinicas, a fim de se dissolver a corrosiva desconfiança dos de intramuros e dos estranhos. A fórmula sugerida, ou seja o hastearem-se as fecundas bandeiras do federalismo e do centralismo, traria porventura a indispensavel paz interna. Cuidava-se, do mesmo passo, e em conjunto, das pauperrimas circunstancias do labor português, que desaproveita a riqueza das suas serras, dos seus rios, do seu litoral. O produtor, não havendo quem lhe faculte o credito imprescindivel, arrasta-se, definha, sucumbe. Faltando os transportes, quer terrestres, quer fluviais, quer transoceanicos, só por meio de esforços titanicos abastecerá o consumidor compatricio. Quanto á exportação, dados tamanhos obstaculos, que vêm de seculos, torna-se incompensadora. O monopolio, com os seus inumeros tentáculos, depaupera-nos, tolhendo os movimentos a quem labuta.

Emigra-se bastante. Qual a origem do lesivo exodo? A tacanhês com que se remunera o braço rural. Discute-se, desde a fase iniciada por Mousinho da Silveira, o desequilibrio da propriedade minhota e trasmontana, face a face da estremenha e alentejana. Será impossivel corrigi-lo? Não o crêmos. O engenheiro Ezequiel de Campos, economista notabilissimo, explica o fenomeno pela inadaptação do português ao solo patrio.

Mas uma das causas dessa inadaptação ressalta, inquestionavelmente, das agruras geologicas. Fala-se em demasia dos baldios, sem se aperceberem do fundo pedregoso que os justifica. Ainda ha dias, escursionando pela pessima estrada Coimbra-Penacova, admirámos o arrôjo dos plantadores de oliveiras e pinheiros, á margem do Mondego, por cima de penhascos perigosos. Arvores miraculosas, essas, que dominam as dunas sáfaras, outro empêço, e a rocha atormentadora! Policiando as florestas, valorisando-se as aguas, obstando-se á derruba insensata dos pinheirais, coibindo-se o abuso das serrarias, a que chamam, lá pelo norte—fabricas de serração, a predilecta especie campestre do lavrador encherá de incalculaveis beneficios as plagas areentes e calcáreas, que tanto se multiplicam, de lés-a-lés.

Os problemas agrario e viatorio formam a base do ressurgimento nacional. Mas só lhes proporcionaremos as devidas soluções, que será criminoso protelar, quando nos capacitarmos de que tambem é inadiavel desenvolver as doutrinas politicas em torno do federalismo, do presidencialismo, do centralismo, do parlamentarismo. Sufoquem-se escorilhos. Republicanize-se a Republica.

Desdobrando-se tais adjectivos, a politica deste «jardim ocidental» adquirirá firmeza. Estabilizando-se, retomaremos a intima consciencia da nossa bizarra missão—a de apostolizar um panlusismo fraterno, coligando-nos as dependencias transmarinas, e revigorando os nucleos populacionais que, em paragens alheias, sustentam o lábaro do berço onde nasceram!

Fran Paxeco.

Entero colite crónica — Seu tratamento
ESTORIL-TERMAS

O DOMINGO

O concerto

LASSALLE

no teatro São Luiz

S. Martinho... A tradição popular decidiu fazer deste santo uma especie de Bacho cristão, investindo-o de insignias um pouco comicas, armando-o prosaicamente em benevolo patrono dos provadores de vinhos.

E o bom do santo acomodou-se resignado... A saudade portuguesa, porém, sempre poetica e sempre sonhadora, elegeu-o seu companheiro e inundou dum sol palido, anemico, fatigado, com que a terra se despede do verão que já lá vai; cobriu-o de folhas secas que são as lagrimas que as arvores choram pela mocidade que perderam; rodeou-o de crisantemos pensativos, desgrenhados, e fê-lo dar ás almas dos que sofrem, mais do que nunca, a noção exacta das horas felizes que passaram, na doçura maguada deste pequenino verão que é apenas o reflexo timido do verdadeiro verão que se extinguiu. Por isso nesta quadra de transição anda uma grande saudade espalhada em tudo o que nos rodeia e nós, os que mal regressamos ao turbilhão da vida da cidade, sentimo-nos nesta hora de nostalgia inclinados para a doçura melancolica das evocações...

A musica é, porém, um grande balsamo para aqueles a quem a Vida não satisfaz, e um grande pretexto de prazer e de exibição para os que nessa mesma vida optimamente se acham instalados. E assim foi que o teatro S. Luiz se encheu completamente quando ontem pela primeira vez se apresentou ao publico de Lisboa o maestro Lassalle, chamado a dirigir neste teatro os concertos sinfonicos durante a ausencia temporaria do maestro Blanch, actualmente em «tournée» pelo estrangeiro. A impressão produzida por esta primeira apresentação foi a melhor possivel. A regencia do maestro Lassalle, muito colorida e cheia de vivacidade, tem frémito, tem nervo, tem o dom de comunicar aos ouvintes um pouco da sua propria emoção. E' admiravel a forma como a batuta do notavel artista sabe preparar o efeito dramatico das grandes sonoridades. Na «Sinfonia Pathetica» de Tschaicowscky, onde o apaixonado russo pôz a vibrar e a gemer a grande alma desolada da planicie, deu-nos o maestro Lassalle verdadeiros gritos de angustia e queixumes prolongados onde se adivinham maguas inifnitas de infinitas solidões, sendo para notar sobretudo o remate cheio de nobreza e sobriedade com que fechou o «Adagio Lamentoso», esse admiravel «Adagio Lamentoso» que nesta sinfonia põe uma nota de tão requintado e inconfundivel ineditismo.

A sinfonia preencheu a segunda parte. A primeira, além da abertura das «Bodas de Figaro», foi-nos dado o encantador bailado-pantomomima «Les Petits Riens», pela promeira vez executado em Portugal a que a orquestra deu uma finura, um «charme» e uma espiritualidade admiraveis. Na terceira, depois de um gracioso «Minuetto» de Halffter, cheio de frescura e notavel pela bem equilibrada construção harmonica, foi-nos dado um «intermedio» de Granados pertencente á opera «El Valle de Anso», tão scintilante, tão sugestivo e que a orquestra traduziu com tão intensa paixão e tão admiravel colorido, que o publico fez bisar este numero no meio dos mais entusiasticos aplausos ao maetro e ao solista de violoncelo, professor Henrique de Mendonça a quem couberam as honras da interpretação. E o concerto fechou com a abertura do Tanhäuser de Wagner já muito conhecido do nosso publico mas a que o maestro Lassalle soube comunicar uma magestade inteiramente nova.

OLIVA GUERRA

TAUROMAQUIA

A corrida de ontem

no Campo Pequeno

Aos que teem em menos conta a festa de touros pósso informar que toda a manhã de ontem ela foi motivo de conversa com dois artistas de invulgar cultura que prendem neste momento a atenção de Lisboa, a genial «tonadillera» La Goya e o celebre «Kapellmaister» Lassalle.

As duas figuras da semana gostam perdidamente de touros. La Goya, ainda vibrando das ovações deste publico que a adora e que ela adora, lamentou os perigos duma tarde fria sem o que iria ver «los rejoneadores portugueses tan guápos y tan valientes». Lassalle meia hora antes de reger a sinfonia do S. Luiz, onde já triunfára com a orquestra de Munich, elogiou exaltado a arte tauromaquica que cria momentos de sublime improvisação afirmando que só os russos, na modernissima concepção do baile, musica, mimica e côr, nos conseguem dar um espectaculo paralelo aos espanhois na festa de «óro, seda, sangre y sol».

Por, sentir como os dois triunfadores venho defendendo a evolução das corridas portuguesas num sentido estético de forma a merecer os entusiasmos de que partilham pelo mundo fóra pessoas de elevado gosto.

Comigo estão quasi todos os artistas portugueses da moderna geração e o seu «leader» respeitadissimo, o sr. Gualdino Gomes que recentemente me honrou com generosas palavras.

Emquanto se não opéram indispensaveis modificações basicas nas nossas corridas usaremos duma inteligente critica para os nossos profissionais que entretanto se podiam ir preparando para a futura forma. Evidentemente que se não necessita dum curso superior para se ser toureiro mas é importante visitar exposições de artes plasticas e ouvir concertos para educar os sentidos, saber vestir com côr, ter atitudes e ritmo nos movimentos. Belmonte, que quando começou era só um artista expontaneo, tem hoje uma cultura que lhe vem do estudo e do convivio com artistas. Em 1923 nenhum espectaculo merece prender-nos a atenção se fôr executado por analfabetos. O actor de «calhou» e o toureiro com «barriguita», passaram de móda. A par e passo devem praticar exercicios fisicos e um regimen alimentar semelhante ao dos bailarinos.

Mas... deixemos estes conselhos para melhor oportunidade e reconheçamos que os nossos Alfredo Santos, Custodio e Agostinho Coelho fizeram ontem o maximo para quem sofre os vicios duma escola que não inventaram. Os dois ultimos puzeram em jogo uma apreciavel boa vontade e Coelho chegou a bandarilhar, saindo do estribo o que supõe uma grande dificuldade. Claro que Magritas, Rafaelillo e Bombita patentearam uma forma que torna impossivel qualquer ideia de competencia, manifestando os três as qualidades que aqui anunciámos.

O primeiro foi o mais fino bandarilheiro que recordamos, o segundo dum estilo gracioso e notavel e o ultimo duma facilidade que patenteou num par de «mariposa», passando apertadissimo entre o touro e o estribo.

Uns e outros lutaram com garraios mansos na generalidade e capitaneados por um «catedratico» que parecia pai de todos e que coube a Simão filho que não conseguiu deixar um unico ferro, pelo que pediu outro touro em que não foi mais feliz. Os dois estreantes deixaram boa impressão, Barrento pela facilidade de tourear, Pires apesar de lhe ter saido um manso, pela boa apresentação. A tarde desagradavel e a casa fraquissima. Hoje não falaremos das pégas... Não?!

Entre barreiras estava um homem de luto que parecia buscar alguem, alguem que ele aqui acompanhou desde menino. Era Parrita parente e administrador inseparavel de Gallito.

Pobre Parrita!

EL TERRIBLE PÉREZ

A's Senhoras
Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro.
Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo

"SANTINITINE"
O MELHOR DE TODOS OS LICORES
DEPOSITO GERAL
70, 2.º — RUA AUGUSTA — 70, 2.º
TELEF. C. 1196

Mundanismo

Casamentos

Está justo o casamento da senhora D. Laura de Almeida Pavão, gentil filha da senhora D. Adelaide Figueiredo de Almeida Pavão e do sr. Artur Miguel Pavão, com o distinto oficial de marinha sr. Carlos de Freitas Oliveira Lima, filho da senhora D. Cecilia de Freitas Oliveira Lima e do capitão de fragata sr. Luiz Constantino Oliveira Lima.

O casamento deve realisar-se no principio do ano.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Maria Luzia Beires do Vale Moreira de Almeida, esposa do sr. dr. João Moreira de Almeida, nosso presado colega na imprensa.

Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

—Ha dias a sr.ª D. Cristina Neves da Conceição Coelho, esposa do sr. Conceição Coelho, teve o seu bom sucesso.

Concertos elegantes

No S. Luis

Assistencia elegante ao primeiro concerto da Orquestra Sinfonica Portuguesa, sob a regencia do ilustre maestro Lassalle:

Madame Padilla e filhas, Madame Fiscowich, Madame Rivera, condessas de Mafra, da Louzã e filha e de Sousa e Faro, viscondessas de Alvelos, de Olivã e de Sanches de Baena, D. Sara da Mota Vieira Marques, D. Berta Ortigão Ramos, D. Maria José de Vilhena de Magalhães Coutinho e filhas, D. Eliza Baptista de Sousa Pedroso, D. Maria Inacia Cabral de Moncada de Casal Ribeiro de Carvalho, D. Maria Luiza Roque de Pinho de Oliveira Monteiro, D. Maria do Carmo de Barros Pereira de Carvalho e filhas, D. Deolinda Rosa da Fonseca, Madame Liberato Pinto, D. Tereza Iglezias Scarnichia, D. Elvira Jara de Albuquerque de Orey, D. Maria Tereza Belford Cerqueira e filhas, D. Matilde Pereira Caldas de Vasconcelos e filhas, D. Laura Pereira Caldas Garcia Reis, D. Izabel Ortigão Ramos Jorge, D. Eduarda Nunes de Carvalho e filha, D. Maria Bruno Heredia, D. Flora Bastos do Amaral, D. Ana Reynolds de Sousa de Lancastre (Louzã), D. Estefania de Macedo Dias Macieira e filhas, D. Eugenia Teles da Silva Gonçalves, D. Adelaide Lima Cruz e filhas, D. Maria do Ceu Ferreira de Almeida Leitão e filha, D. Maria Antonia Tedeschi Placido de Melo Breyner, D. Maria do Pilar Burnay Verda de Almeida, D. Maria da Conceição Tedeschi Placido Torres Pereira, D. Margarida Cambom Brandão, D. Maria Jacinta Teixeira Bastos Neves Pereira, D. Georgina de Mendonça, D. Ana Maria Ahrens de Novais e filhas, D. Ernestina Soares de Albergaria Olavo, D. Luiza Burnay, D. Ester Guimarães de Magalhães Coutinho, D. Maria Carolina Serzedelo, D. Hebe Neto e Pereira Serzedelo de Ferreira Ribeiro Falcão, D. Maria Sofia Cardoso Pedreira Dart Costa, Madame Afonso, D. Concha Anahory, D. Maria de Sequeira Pacheco de Niza, D. Raquel Anahory Pinto, Madame João Queriol, D. Maria Empis Felix da Costa, D. Ninah de Melo Vieira, D. Maria Emilia Perry Vidal de Allen de Vasconcelos, D. Guilhermina Macieira da Fonseca, Madame Mario de Alenquer, D. Maria Micaleff dos Santos e filha, D. Mariana de Sequeira, D. Natalia Diogo da Silva dos Reis Torgal, D. Maria de Carvalho, D. Lidia de Almeida, D. Maria Eliza Plantier Dias Costa, Madame Mauricio Costa, D. Ilda dos Santos David, D. Maria Adelaide Burnay Soares Cardoso (Marco), D. Berta Cambom, D. Belmira Porto, D. Irene Porto Garcia, D. Maria e D. Leonor Reis, D. Maria Guimarães, D. Virginia Luiza Cardoso, Mademoiselle Paulino Correia, etc.

Pontos de reunião

No S. Luis

A estreia da notavel «tonadillera» La Goya, que na noite de sabado se realizou neste teatro obteve um exito superior ao que obteve na sua estada ha meses nesse mesmo teatro. A vasta sala de espectaculos oferecia um extraordinario brilhantismo, vendo-se na assistencia grande numero de senhoras da nossa primeira sociedade, entre as quais nos recordam os seguintes nomes:

Madame Padilla, condessas de Seisal, de Castelo Mendo, da Louzã e filha, e de Pinhel (D. Dolores), D. Berta Ortigão Ramos, D. Octavia Guedes Cau da Costa, D. Maria da Conceição do Casal Ribeiro Ulrich, D. Branca de Atouguia Ferreira Pinto Basto, D. Ludgera Empis, D. Maria José Ortigão Burnay Gusmão de Moura, D. Maria da Conceição Pinto de Morais Sarmento Cohen e filha, D. Elisa Diogo da Silva dos Reis Torgal e filha, D. Izabel Ortigão Ramos Jorge, D. Maria Berta Ortigão Ramos de Castelo Branco, D. Joana de Castel Branco Mendes da Silva, D. Ludovina Viana Pinto Coelho, D. Maria Tereza Vecchi Pinto Coelho, D. Maria Teresa de Lima Mayer de Magalhães, D. Deolinda Rosa da Fonseca, D. Maria José Ortigão Burnay Belo, D. Vera Ferreira Pinto Ribeiro da Cunha, D. Teresa Mendes de Almeida Belo Correia Pereira, D. Madalena Soto Maior Ferreira Pinto Basto, madame Antonio Maria da Silva e filhas, D. Margarida Mendes de Almeida Belo Ramos, D. Albertina Casongia Waddington, D. Georgina de Mendonça, D. Laura Sant'Ana Galhardo, D. Deolinda Sant'Ana, madame Rumina, D. Maria Empis Felix da Costa, D. Maria Luiza de Sousa Coutinho Empis, D. Elisa da Cunha Viana, D. Antonia Taborda Couto Bandeira de Melo, D. Maria Francisca da Camara Ferreira Pinto Basto, D. Ana Reynolds de Sousa de Lancastre (Louzã), D. Maria José Teles da Silva, D. Eugenia Maria Tenreiro Ilharco Conde, D. Angelica Pavão Pereira Rosa, D. Margarida Lorjó Tavares, D. Julia Mendes Fernandes Costa, D. Ilda Magalhães Pedroso, D. Lea Cohen Zagury e filhas, D. Maria Emilia Perry Vidal Allen de Vasconcelos, D. Berta Cambom, D. Hortense Costa, D. Maria de Mendonça, D. Maria e D. Leonor Reis, D. Rosa Ruiz Mira, D. Assunção Constante, D. Maria Teresa Queiroz Pinto Coelho, D. Virginia Luiza Cardoso, D. Maria Mateus dos Santos Tavares, etc., etc.

Agenda

Amanhã a nossa sociedade elegante dará «rendez-vous» de tarde nas «matinées» do Salão Foz, Chiado Terrasse e Cinema Condes e á noite em S. Carlos, recita da moda, com a engraçada peça «A Vinha do Senhor» e no S. Luis, quarta representação da notavel «tonadillera» La Goya.

Em viagem

Regressou de Cascais a sr.ª condessa de Sabugosa e de Murça.

CIMENTO
«AUDAZ» e «TENAZ»
Qualidade garantida para trabalhos de responsabilidade
UNICOS DEPOSITARIOS:
MELLO DA SILVA & SEQUEIRA, LIMITADA
Rua Nova do Almada, 24-2.º D.
LISBOA
Telefone C.-587 Telegramas: *Meloseque*

S. CARLOS Telef. C. 5063
O MAIOR DOS TRIUNFOS
A VINHA DO SENHOR
Brilhantissimas creações de LUCILIA SIMOES e ERICO BRAGA — Grandioso sucesso da nova cançoneta ingleza «London's Song» por Guilherme Caupers e Maria Corte Real

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049
HOJE — EXITO SEM RIVAL
Alcacer Kibir
Drama historico do repertorio do grande actor EDUARDO BRAZÃO
Espectaculo verdadeiramente artistico

= POLITEAMA =
Emp. Luís Pereira Telef. 3028 N.
TODAS AS NOITES — A's 21,30
A engraçadissima e fina comedia
AS VIRTUDES DE GERMANA
Continua aberta a assinatura para as recitas da companhia de DARIO NICODEMI, de que faz parte a grande actriz VERA VERGANI

Ponto de reunião elegante

Os espectaculos da moda no Coliseu dos Recreios

Os espectaculos da moda no Coliseu dos Recreios têm sempre um cunho de elegancia que lhe dão as gentis frequentadoras daquela magnifica casa ás segundas feiras, dia que lhes é dedicado. E assim, a Empresa daquela casa de espectaculos esmera-se em variar os programas desses dias dando sempre numeros novos como vai acontecer hoje que se realiza a estreia dos celebras artistas equestres *Sturla*, «troupe» que é composta por três homens e três mulheres, uma delas a eximia saltadora brasileira Laurita, que, sobre quatro soberbos cavalos, executam os mais dificeis e surpreendentes exercicios de equilibrio. Do programa fazem ainda parte todas as celebridades e atrações da grande companhia de circo, que todas as noites é ovacionadissima pela numerosa assistencia, e as três magnificas e engraçadas *parethas* de palhaços que executarão novos e variadissimos intermedios comicos. Os espectaculos do Coliseu são, pois, sem contestação, os melhores e mais variados de Lisboa.

DR. AMANDIO DE CAMPOS
CLINICA GERAL E SIFILIS
RUA DO CARMO, 69, 1.º, AS 4 HORAS — Tel. C. 2507

A UNICA de Lisboa que obteve o GRAND PRIX da Exposição do Rio de Janeiro, 1923
ROYAL-PHOTO
Os melhores retratos
RUA DO CARMO, 55, 1.º
(Ao Chiado)

AS CAPAS Á ALEMTEJANA
São os Melhores Agasalhos e os mais chics

SOBRETUDOS DA MODA EM TODAS AS MEDIDAS
CELEBRE CASA DAS TESOURAS
Peres & Abrantes, Suc. Tel. 3336 N.
Rua da Escola Politecnica 51-51 A-53-55

O CULTO CAMILIANO

Duas raras

contrafacções

DAS OBRAS DE CAMILO

que não estão citadas em nenhum trabalho bibliografico

Damos hoje aos leitores a noticia pormenorisada de duas contrafacções brazileiras da obra de Camilo. A primeira da «Espada de Alexandre» é rarissima, sendo mais vulgar a do «Amor de Perdição». Todavia desconhecidas em Portugal e dos bibliografos só hoje tivemos delas prova bibliografica, não tendo sido por isso incertas na «Revista Bibliografica Camiliana». Não admira que as desconhecesse pois em nenhum trabalho bibliografico elas são citadas e só agora por nosso intermedio os camilianistas portuguezes sabem da sua existencia

A
ESPADA DE ALEXANDRE
CORTE PROFUNDO NA QUESTAO
DO
HOMEM-MULHER E MULHER-HOMEM
POR
UM SOCIO PRENDADO DE VARIAS PHILARMONICAS
ATTRIBUIDO A C. C. BRANCO
RIO DE JANEIRO
Typographia Franco-Americana
18 RUA D'AJUDA 18
1872

In 8.º pag. de capa de brochura guarnecida de filete, 70 pags. e duas mais inum. de: «**Novas publicações**» (catalogo de livros á venda). As primeiras 4 pags. são de ante-rosto (que tem na face, quasi a meio, em uma só linha: A ESPADA DE ALEXANDRE, e no verso: «**Novas publicações**»: (catalogo) com a indicação, em baixo: TYP. FRANCO-AMERICANA, r. d'Ajuda, 18, e frontespicio (verso em branco), começando na pag. 5 (a numeração só aparece na 6) o respectivo texto, que termina na pag. 70, tendo por fecho: S. C. 10 de setembro, Anno da Graça, 1872.

(A' sombra... dos 600 reis). Esta contrafação brasileira é sem duvida muito rara. Só muito tarde (depois de concluida a publicação do 2.º volume da *(Revista Bibliografica Camiliana)* nos foi dado ver um exemplar desta edição, que gentilmente nos emprestou o nosso amigo e distinto escritor Albino Forjaz de Sampaio, que lhe ofereceram no Brasil. Esta contrafação foi impressa no mesmo ano em que saiu a 1.ª edição portuguesa. E' esta a edição que vem apontada na «*Camilleana*, por João Xavier da Motta. Rio de Janeiro, 1891» e não a de 1891 que por lapso nós apontamos sob o n.º 594 do 2.º volume da Revista Bibliografica Camiliana. Queriamo-nos referir á edição de 1872, e saiu 1891 que é a data com que saiu a Camilleana de J. X. da Motta. A capa desta edição traz na lombada: Preço: 600 reis.

Afigura-se-nos que qualquer exemplar que porventura apareça no mercado pode atingir o preço de 20$00 a 30$00, ou talvez mais, conforme o interesse do camilianista que o não tenha.

CAMILLO CASTELLO BRANCO
AMOR DE PERDIÇÃO
(MEMORIAS D'UMA FAMILIA)
Quem viu jamais vida amorosa que não a visse afogada nas lagrimas do desastre ou do arrependimento?
(D. Francisco Manuel. Epanophora amoros.
S. PAULO
1916

In. 8.º de capa de brochura e 184 pags. Compreende ante-rosto (verso em branco) que tem ao centro:

AMOR DE PERDIÇÃO

frontispicio (verso em branco); na pag. 5 (a numeração só aparece na 6) e 6 a: INTRODUCÇÃO..., começando na pag. 7 (inu.) o respectivo texto, que termina na pag. 184 com o classico. FIM. A capa de brochura, em tricronomia, é devida a Gaspar Telles — Portuguez. (Esta capa é igual á que vem descrita a pag. 246 do 2.º volume da *Revista Bibliografica Camiliana* e que por engano dissemos desenhada por Stotter Rio, quando é desenhada pelo artista portuguez G. Telles — Rio. Na capa de brochura, na parte detraz, em baixo: TYP. DA PAPELARIA «VENUS» — RUA LARGA, 13. Desta contrafação brasileira são raros os exemplares no mercado de Portugal.

O exemplar que nos serviu para a presente descrição foi-nos amavelmente apresentado pelo nosso amigo e distinto escritor Albino Forjaz de Sampaio, que o trouxe ultimamente (1923) do Brasil. Aqui renovamos o nosso agradecimento.

Manuel dos Santos

Dr. A. Pina Junior
Doenças das crianças Cirurgia infantil
Das 4 ás 6 — CHIADO, 36, 2.º — Telef. C. 5020

DR. TORRES PEREIRA
CIRURGIAO DOS HOSPITAIS
Consulta das 5 ás 7 horas
Rua Ivens, 15 — Tel. C. 5266

TEATRO SAO LUIZ
HOJE — Sucesso da celebre «tonadillera»
LA GOYA
todas as noites novas canções e novas toilettes
Pela companhia deste teatro a festejada opereta
A ULTIMA VALSA

APOLO TELEFONE N. 4129
HOJE — A revista de maior agrado — A mais graciosa — A mais deslumbrante
Giga Joga
Muitos numeros repetidos — Evocação das glorias portuguesas por Otelo de Carvalho

TEATRO SÃO LUIZ
Empresa A. RAMOS Ltd.
TOURNEE OTTEIN-CRABBÉ — No escritorio da empresa, da 1 ás 5 horas da tarde, está aberta a assinatura para 8 unicas recitas de OPERA DE CAMARA com os celebres artistas lyricos Angeles Ottein, Armand Crabbé e Carlos del Pozo e a coadjuvação do grande pianista José Cubeles — Os srs. assignantes da ultima companhia estrangeira Vera Sergine teem preferencia aos seus lugares até á proxima sexta-feira, 16. No sabado 17 principia a assinatura livre.

TEATRO AVENIDA
Telefone N. 4356
Companhia Satanela-Amarante
de que faz parte NASCIMENTO FERNANDES
O maior dos triunfos — Grande sucesso
A Perola Negra

Salão Foz

Despedida dos «Diavolinos»

Grande exito de «Nita Ibañez»

«Nita Ibañez», a juvenil cançonetista, actualmente no Salão Foz, pertence áquela pleiade de artistas espanhoes que, mercê de um raro talento, concepção primorosa e porte distintissimo, têm sabido impôr a sua arte tão castiça e dificil. «Nita Ibañez» é já hoje uma figura de destaque. O grande exito que tem obtido no palco do Salão Foz, perante o publico que em todas as recitas ali tem afluido e que, como é sabido, apenas dispensa o seu aplauso a quem incondicionalmente o merece, assim o tem demonstrado. Fina, de uma finura de Sèvres, elegante, luxuosamente vestida, com um palminho de cara captivante em extremo, e uma voz e uma pronuncia que a todos encanta, «Nita Ibañez» é bem a figurinha dotada dos mais belos predicados. Nas suas canções sentimentaes, o seu cantar emociona, nas suas cançonetas comicas, a graça juvenil e a maneira ingenua de estilisar e sublinhar o picaresco mantem um pleno sorriso em quantos a escutam, no meio do mais religioso silencio. «Nena», a dramatica canção de Puche-Casmoz, e em que a sua alma anceia amorosa e os seus olhos choram de saudade, constitue uma das suas corôas de gloria.

«Nita Ibañez», essa preciosa boneca á quem a sua estranha sensibilidade permite apresentar as mais dificeis e opostas facetas histrionicas, é artista de largo futuro e cuja passagem pelo palco do Salão Foz ficará lembrada saudosamente.

Hoje despedem-se do publico de Lisboa os queridos duetistas «Os Diavolinos». Encarecer os seus meritos afigura-se-nos tarefa dispensada. «Dora Belli» e «João Pereira» ha quarenta dias que se apresentam, n'aquele palco, como numero de maior atracção. Hoje, a sua festa artistica, será a sua incontestavel consagração.

Amanhã realisa-se a estreia dos dançarinos «Fortuna & Bazola», que no seu original «Depois do baile», conseguiram alcançar a mais alta classificação no concurso de danças internacionaes de Paris.

LANIFICIOS
PARA HOMENS E SENHORAS
Sobretudos da Moda
Impermiaveis
Capas á Alemtejana
Procurae adquirir nos
GRANDES ARMAZENS DA BEIRA
(LISBOA)
20, 22, RUA DOS RETROSEIROS, 24, 26
Peres & Abrantes, Sucs.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Terra estranha

A estrada corria á direito, prateada de luar, e lá longe, a perder-se na sombra, um torcicolo levava-a, campo em fora, para desconhecidas terras. Disse-me o meu companheiro.

—E' ali... Começa a Espanha.

Eu, que nunca abandonára o solo patrio, apesar de ter percorrido varios milhares de milhas—Portugal é grande—senti simples em demasia a divisoria de duas nações. Supunha, por fronteira, qualquer coisa de magestoso. Marcos, inumeros, a estabelecer nitidamente a terra por cada banda, uma linha ininterrupta de sentinelas, sempre álerta, marcando a diversidade de bandeiras com a diversidade de uniformes; e, possivelmente, uma trincheira continua, rasgada bem fundo, ao longo de todo o limite. Julgava a Patria mais realidade e menos convenção.

Estugámos o passo. Eu tinha pressa—anciado por uma duvida, feito nervoso como quem aguarda uma surpresa grande—de chegar a Espanha, Assim, silenciosos, prosseguimos a marcha atravez aqueles campos sem elevações, razos como uma taboa, mal vestidos de arvoredo e varridos por um vento, frio e persistente, assoprado das bandas da serra da Gata.

—E' aqui.

Eu olhei, fixamente, pertinazmente, procurando um objecto, extranhamente inedito. Mas a estrada continuava, tambem prateada de luar, igual á outra, igual nas arvores que a bordavam, igual nas covas que violavam a perfeição do seu leito. Igual, pelo mesmo modo, o rico manto de estrelas que em Portugal nos cobria.

Outra patria? E procurava o estrangeiro, tentando despertar em mim a noção de terra estranha.

Andamos mais uma centena de metros. Mergulhára a lua em fofo leito de nuvens e a sua luz espectral ausentára-se. E rodeava-nos treva perfeita, quando uma voz estranha gritou:

—Quien vive?

* * *

Estavamos, é certo, fora de Portugal. O brado do carabinero*, constituia o primeiro indicio. D'ali por diante, eram iguais as casas, as arvores e os campos. Mas a lingua, estranha, autenticamente estranha, arranhava-nos os timpanos, as vestias de bombazina faziam-nos reparar no nosso cheviote, e as mulheres acresciam em graça ao falá-lo, musicando-o, um idioma que nos homens era aspero e brutal.*

A nossa pacifica incursão em terras de D. Afonso XIII, foi epilogar na fonda *de D. Paco, lisongeiramente designado pelos seus clientes por* el primero docero de todas las Españas. *Ao erguerem-se os calices de* aniz del moño, *houve espanhoes que bradaram:*

—Por la felicidad de Portugal!

Ao que retorquimos:

—Pelo futuro de Espanha!

* * *

E recordei-me, ao ingerir o alcool das saudações que, para que ali estivessemos prosaica embora gostosamente a chupar os pasteis de D. Paco, el docero, *ha uns oito seculos, talvez á mesma hora, talvez no mesmo local, uma tropa de bravos* fronteiros *se batesse desesperadamente pelo senhorio do pedaço de terra, fazendo pingar gotas de sangue—a paga dessas propriedades era assim cara—onde nós, agora, faziamos pingar gotas de aguardente...*

L. Consiglieri Sá Pereira

A SAIR BREVEMENTE:
TUDO AMOR
CRONICAS E NOVELAS
POR
ARTUR PORTELA

Perdeu-se

Um broche de brilhantes, no comboio das 5,45, de Cascais para Lisboa.

Dão-se boas alviçaras a quem o entregar na administração deste jornal.

VIDA ARTISTICA

A exposição

de pintura, desenho e aguarela

de Varela Aldemira, Mario Santos e Mario Reis

Abriu ontem, no Salão Bobone, a quarta exposição de pintura, desenho e agua forte, dos artislas Varela Aldemira, Mario Santos e Mario Reis.

Esta exposição é a melhor do grupo. Varela Aldemira revela amplamente, em esplendores de luz e seguranças de tecnica perfeita, o seu belo talento já liberto das grandes influencias! Mario Santos, á força de trabalho, destaca-se como um grande retratista, ainda a meio caminho, e Mario Reis que raro se exila do profissionalismo dos pinceis, que é o que dá dinheiro, tem algumas escapadas felizes ainda que indecisas.

Varela é o mais forte, o mais pujante, o mais caracteristico. A sua fibra espanhola, feita do realismo de Velasquez e temperada na boa côr, vibra harmoniosamente sob o nosso sol e sobre a nossa terra, pintando-os não só com o intento de artista, mas ainda adivinhando-lhes, o quantitativo de misterio aliciante e de graça frivola, que ora se encontra, na braçada de uma arvore, ora se vislumbra na nota sadia e errante, vermelha ou lilaz, que estilhaça longes de planicie.

Varela é um humilde, um franciscano da paisagem; tem com ela convivio. Ha muito de amor e de doçura, nas contemplações, que são os seus quadros.

Sente-a em vez de a pintar, não exagerando as côres nem procurando volumes e caracteristicas raras, que podem dar uma boa tela, mas nunca revelam uma alma em crise de emoção. Dulcifica os assuntos, extrae-lhe essencias ocultas, alarga a vida, abrindo ignoradas perspectivas á retina do critico.

Depois, uma grande simplicidade nos processos, sempre uma intenção cuidada nas atmosferas. Para ele o sol não tem aquele fulgor artificial que os ocres sêcos e chupados materialisam á superficie dos estudos de «atelier», que o pintor sofisma a seu belo prazer.

Se Varela abandonou a tecnica de Columbano, ficou-lhe do mestre o intimismo, irradiado em tonalidades vibrantes e emotivas, refrescadas de côres que são suas, que não pertencem a outra paleta.

Humildes. E' o seu quadro mais interpretativo e humano. E' uma procissão, apanhada curiosamente, a tres quartos. Gente do povo, com gente de igreja, andor, varas, humildade, sol pôr. Ha neste quadro, a par da mancha que é extraordinaria, além do ceu que tem toda a humidade do crepusculo, brazas quentes do poente, um pensamento mistico muito bem expresso.

Caminham para além, as gentes da procissão? Além, que os rasgões do ceu tornam infinito, num pedaço de tela limitado? Que sonho comove aquelas mascaras?

E' uma tela que faz pensar, guardando aquele substratum de misterio longinquo que faz uma obra de arte.

Varela resolveu nos seus *Humildes* um dos mais dificeis problemas de pintura. Dinamizar fignras, teatrizá-las de vida, apesar de estarem fixadas na tela. Conseguiu-o Rodin no *S. João Baptista* e Gericault, nas *Corridas de Epson*, tanto nos «jockeys», como nos cavalos.

O *6, Aboboras*, é um prodigio de factura. Sob um ceu azul de sol, incendiado de sol, uma casa velha, patinada, onde se encosta a telha vã cheio de aboboras dum cardenho que se perde entre latadas; tem doçura, caricia de tinta. O *Interior* e a *Mesa* revelam que Aldemira é uma bela artista de panejamentos. A *Rua de Maiorca*, a *Aldeia*, são admiraveis pela tonalidade das sombras, pelo embriagamento de luz que anda no ceu, pelas côres das roupas das figuras. Na agua forte prendem-nos os trabalhos animalistas traçados com segurança, e a traço firme. A sua *Tourada*, tem um fundo bom; é imperfeita quanto á composição da figura. A sua *Salomé*, agua forte, é hesitante.

Mario Santos revela-se um retratista cheio de caracter e de acento psicologico. Não está ainda firme nos seus processos, mas presente-se nos seus quadros, uma linha de perfeição que tenta subir e destacar. O retrato de Conceição Silva é o melhor. Volume, expressão que caminha de dentro para fóra, um belo olhar que tem cansaço e sonho. O retrato de Fernando David, apesar do tronco ser um pouco acanhado, tem uma bela mascara, de fronte alta, saliente, estudada com largueza. O de Jorge Segurado, tem uma atitude afectada. Os de Manuel Gomes e Abilio Meireles, sêcos de côr e certas frouxidões de desenho, faceis de vêr. *Um trecho do Ramalhal* é admiravel.

Mario Reis, como dissemos, é um artista que trabalha pouco. As suas manchas não nos agradaram. *Cabeça de Pastor*, apesar do fundo, é uma bela mascara, detalhada, sem caricatura. 68, *José Reis*, é um retrato, com pedaços de mestre.—*P.*

TRISTEZAS NÃO PAGAM DIVIDAS...

20.800 pessoas

já assistiram

á peça "A Vinha do Senhor„

Quando surge uma iniciativa ou alguem que pretende, por um espirito de «dilletantismo», oferecer ao povo de Lisboa qualquer coisa de novo como lá por fora ha a cada canto, logo os pessimistas, os rotineiros apregoam á boca cheia: «Ora, meu amigo, em Lisboa não ha gente para isso». Palavras sacramentaes.

Sossobram energias, desfazem-se planos e as iniciativas vão por agua abaixo...

Ora o que é mais curioso é que se dá exactamente o contrario e Lisboa é, essencialmente, uma cidade cuja população vive descuidosa e que morre por se divertir.

Estas nossas considerações veem da observação e os factos não nos desmentem. Ainda ha dias em conversa com o distincto artista que é Erico Braga, «doublé» de um belo temperamento de homem de teatro e que tão proficientemente vae dirigindo a temporada da companhia Lucilia Simões no teatro de S. Carlos, a titulo de mera curiosidade nós perguntamos-lhe se poderia fazer um calculo, aproximado, de quantas pessoas teriam assistido á representação de «A vinha do Senhor»—o grande sucesso teatral da temporada e o «record» de todas as peças actualmente em scena.

Erico Braga, estabeleceu uma media de 1:300 espectadores por noite, o que prefaz um total de 20:800 espectadores em 16 dias! Houve portanto em 16 dias 20:800 pessoas a quem nada influiu a queda do ministerio, a vinda do dr. Afonso Costa, o pão mais caro e a manteiga a 20 escudos.

E' que as coisas não estão tão más como dizem os pessimistas, os boateiros... Lisboa é uma cidade que se diverte! Abençoada seja «A vinha do Senhor»!

Pelos teatros

Uma "tournée" feliz

Como se sabe, a Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, não tendo podido seguir para as ilhas no dia 5 do mês findo, viu-se forçada a realizar uma «tournée», iniciando-a pelo Alemtejo e Algarve. A digressão, porem, tem sido tão feliz e produtiva, que a Companhia tem realizado em varias terras tal numero de espectaculos, que não há memoria que isto tivesse sucedido com outros grupos artisticos. Depois de haver percorrido Evora e Extremoz, em cujos teatros foram inauguradas lapides de homenagem a Maria Matos, acaba de fazer uma serie de oito espectaculos em Faro, onde foram todos os artistas muito acarinhados, principalmente por parte da Academia que tornou a ilustre actriz alvo de grandes aplausos. A'manhã estreia-se em Setubal, no Teatro Salão Recreio do Povo, demorando ali até ao dia 18.

Uma homenagem

Depois do espectaculo de ontem no Politeama realisou-se no foyer uma ceia intima de homenagem ao emprezario sr. Luís Antonio Pereira, por iniciativa de um grupo de amigos, a qual decorreu muito animada.

Ao champagne falou em primeiro lugar o sr. Felix Bermudes, seguindo-se-lhe o actor Luís Leitão, Jacob Levy e Antonio Teixeira, aos quais agradeceu o sr. Luís Pereira.

Foram convivas as sr.as D. Amelia de Oliveira, D. Constança Navarro, D. Antonia Mendes e D. Maria Lagôa e os srs. Felix Bermudes, Ernesto Rodrigues, João Bastos, Sousa Guize, capitão Pires de Carvalho, Claudino Pinto, Antonio de Macedo e Brito, Raul Maia, D. Nuno Beltrão, Henrique Roldão, Robles Monteiro, Alfredo Ruas, Gil Ferreira, Raul de Carvalho. Luís Leitão, Botelho de Sousa, Francisco Rocha, Jacob Levy, Antonio Teixeira, Carlos Guimarães, Octavio Duarte, Luís Pereira (filho), Alberto da Fonseca e Carlos de Vasconcelos e Sá.

O serviço foi fornecido pela Garrett.

Cecile Sorel

A notavel actriz Cecile Sorel, que na passada primavera esteve em Lisboa dando uma brilhante serie de espectaculos no Politeama, casou recentemente em Paris com o conde de Segur, tendo declarado abandonar definitivamente o teatro.

Atraz do reposteiro

Os principais papeis da peça «A Vertigem», de Charles Meré, em ensaios no teatro Nacional, vão ser interpretados por Ilda Stichini, Clemente Pinto e Rafael Marques.

—Foi contratado para a companhia Cremilda-Chaby o actor João Lopes, que, tendo feito a ultima epoca no Nacional, é um artista de raras qualidades, dando relevo ás companhias de que faz parte. Para a mesma companhia foi contratada a actriz Julieta de Almeida.

—O actor Luís Leitão vai interpretar na peça «A Rival», que está em ensaios de recordação no Politeama, o papel creado por Henrique de Albuquerque. A companhia Rey Colaço-Robles Monteiro continua representando a peça «As virtudes de Germana», só levando á scena a comedia «O pombo mariola», de Chagas Roquete, depois dos espectaculos da companhia Dario Nicomedi.

—Está ultimando os seus ensaios a «Troupe Artistica Portuguesa que, sob a direcção do actor Adriano de Mendonça sai em «tornée», no dia 17 do corrente.

—Mantem-se no Apolo o sucesso da revita «Giga-Joga», de Antonio Carneiro e André Brun.

—No Aguia de Ouro, do Porto, sobe hoje á scena a peça «As duas causas», para reaparição da actriz Maria Pinto, representando-se, esta semana ainda, a peça L'Inconnú, com o titulo «O Desconhecido», fazendo Alves da Cunha o protagonista.

—Abriu ontem no S. Luís, a assinatura para as 8 recitas de opera de Camara, tendo tido larga concorrencia.

—Realiza-se esta noite, em espectaculo da moda, no Coliseu dos Recreios, a estreia dos celebres artistas equestres «Stevola», «troupe» composta por três homens e três mulheres, uma das quais a eximia saltadora brasileira Laurita, que sobre quatro soberbos cavalos executam os mais arrojados e surpreendentes exercicios de equilibrio.

—E' no dia 25 que se estreia no confortavel Salão Olimpia, de que é empresario-gerente o sr. Leopoldo O'Donnell, o «film» «Parisette».

—Não é vulgar um exito como o que está obtendo no Politeama a linda comedia «As virtudes de Germana», onde Amelia Rey Colaço e Alfredo Ruas, nos papeis principais, têm duas das mais notaveis criações da sua brilhante carreira.

POLITEAMA
"AS VIRTUDES DE GERMANA"
Sucesso extraordinario

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

NO TEATRO S. LUIZ

LA GOYA

que reapareceu

ante-ontem

foi recebida

com muito agrado

O sol de Espanha, La Goya, veiu aquecer este nosso triste e frio inverno lisboeta. Ha artistas que exercem sobre o publico uma hipnose de paixão. Triunfam pelo fremito da sua arte e pelo fulgor da sua belesa. La Goya é um exemplo.

A celebre *tonadillera*, regressou maravilhosa como sempre, ardente, zarzuelada de graça, tatuada de amor e sofrimento. Tem uma plateia, um publico, que sei eu? uma cidade vencida que a ama enternecidamente.

Um livro só se deve lêr uma vez. O encanto das suas paginas, a palavra que nos fez chorar, o coração que nele estremece, a mulher que nele sofre e palpita, se o voltamos a lêr, não nos transmitem já a emoção, a belesa, o estado de alma que tivemos.

Mas La Goya, é um livro de eterna paixão, um livro fresco, inedito, gracioso, onde ha de tudo, desde a graça do campo, até á vida lancinante da mulher da rua. Falam os seus olhos, a sua boca, o seu gesto, a sua atitude. Ha nela um trabalho constante, que a faz viver, e não representar, ou representar, de maneira tal que o artificio não avulta.

Analisamos esta artista, quando pela primeira vez veio a Lisboa. Agora, resta-nos apenas ser publico para a aplaudir, para vibrar com as suas criações.

Pobre Gigotette, no genero da *Flor do mal*, tem o travor do sangue e da paixão. La Goya, neste numero, é a mulher extraordinaria que conhece tudo e faz vislumbrar pequeninas notas de emoção, alternando-as com as grandes forças do sentimento. A sua expressão magoada, dolorosa, comove até as lagrimas. Belo tambem, um numero quasi recitado, musica em surdina, que rasga e esmaga a plateia, apenas pela exteriorisação da artista.

La Goya traz lindas *toilettes* artisticamente coloridas. Folgamos que a notavel *tonadillera* reviva alguns dos seus antigos numeros.

Procuradores da Republica

Continuaram hoje as provas orais para delegados do procurador da Republica no Ultramar. A'manhã, ás 12 horas, devem tirar ponto para as provas orais os candidatos aos logares de conservadores do registo predial.

A questão da pesca

Foi dada ordem para o «Aviso 5 d'Outubro» seguir para Peniche.

A «Quanza» já foi ontem á noite a Peniche, afim de evitar conflitos entre os nossos pescadores e os tripulantes dos barcos espanhois.

CAMBIOS

Dia 12

	Comprador	Vendedor
S/Londres, cheque	25 14	2 1/16
» 90 dias	=	=
S/Paris	1$420	1$485
S/Berlim	=	=
S/Holanda	9$480	10$080
S/Madrid	3$445	3$475
S/Bruxelas	1$275	1$285
S/Roma	1$150	1$160
S/Suiça	4$620	4$670
S/Suecia	=	=
S/Noruega	=	=
S/Dinamarca	=	=
S/Nova-York	26$330	26$540
S/Brasil	=	=
Rio s/Londres	=	=
Libra esterlina	123$000	127$000
Agio do ouro	2$500	2$600

UM MANIFESTO

Da acção DOS PARTIDOS

dependerá ou não

um governo ditatorial

Os elementos constitutivos do grupo «Seara Nova», quasi todos da Biblioteca Nacional de Lisboa, oferecem sempre, mercê desta agradavel circunstancia, aos olhos do jornalista que os deseja entrevistar, um admiravel scenario onde se perdem barcos — a superficie azul dum rio que foi, noutros tempos, a nossa gloria, e que hoje é apenas, ai de nós, a nossa saudade...

Antonio Sergio, um dos primeiros na chefia deste grupo, intelectualmente superior, recebe-nos, efectivamente, num gabinete onde não é dificil ao jornalista sentir-se bem, pois tudo lhe é propicio: a conversa da entrevista, o busto de Fialho, logo á entrada, e, pela janela aberta, ao longe, as indecisas linhas da Outra-Banda.

O escritor dos «Ensaios» falava com o dr. Camara Reis sobre serviços de organisação, quando invadimos o seu gabinete, com todo o nosso cortejo de preguntas.

Os leitores sabem... O grupo «Seara Nova» publicou e espalhou ontem, pela cidade, aos quatro ventos, uma carta aberta ao Presidente da Republica. Saber dos intuitos dessa carta, posto que nela suficientemente manifestados; saber dos designios do «grupo», após a divulgação da referida carta-manifesto; saber de tudo o mais que ocorresse ao capricho da conversa facil — eis o que ali nos levava, na certeza de que as autorisadissimas opiniões de Antonio Sergio não deixaram de interessar os leitores do «Diario de Lisboa», avidos sempre de qualquer coisa de novo.

A conversa foi rapida — e assim se definiu o pensamento do nosso entrevistado:

—A nossa carta-manifesto não visou atacar os partidos.

—Apenas contribuir para a sua reabilitação?

—Não é bem isso. Rehabilitação, não. Apenas pretendemos chamar-lhe a atenção para a situação aflictiva do momento, da qual, parece, afastaram para bem longe os seus descuidosos olhres.

—E nesse sentido...

—Apelámos para a sua honestidade, para a sua consciencia, para tudo o que ainda os possa valorisar...

—E se os partidos persitirem na mesma?

—Não sei o que possa suceder. Talvez...

—Talvez?

—Uma dictadura. Não a preconisamos. Não a defendemos. Desejamos um governo nacional, um governo de valor, o unico viavel neste momento. Se os partidos não se dispozerem a transigir, de forma a que esse partido possa ter viabilidade, não vejo outra solução do que a duma dictadura civil ou militar não importa, mas dictadura.

—Todavia, não a preconisam?

—De maneira nenhuma. Queremos um governo nacional, com programa definido, que governe com o Parlamento. Se por ventura, esta solução fôr impossivel, e a dictadura, como consequencia, resultar, ninguem nos poderá arremessar uma pedra se a defendermos até á ultima. Conclusão: não ha programas definidos O partido nacionalista diz que está apto a governar. Todavia, não apresentou ainda nenhum programa.

—Diz que tem elementos ainda não queimados.

—Um afirma. Todos eles governaram. Todos eles teem passado pelas cadeiras de S. Bento. Não, não ha programa, não ha nada. O grupo «Seara Nova», que não tem ambições de poder, foi o unico a apresentar um vasto programa de medidas urgentes, destinadas á obra do ressurgimento nacional. Sem a efectuação dessas medidas...

—Nada feito?

—Nada feito. O momento é peior do que se imagina. Muito peior.

E tivemos que fechar, infelizmente, com esta nota ultima, ultra-pessimista.

"FOOT-BALL"

Os desafios de hontem E OS SEUS RESULTADOS

O empate "Sporting-Belenenses"

Ontem, em Palhavã, jogaram para o Campeonato de Lisboa, em primeiras categorias: o Bemfica contra o Imperio, e o Belenenses contra o Sporting.

Teve o campo de Palhavã uma enchente enorme. O publico continua fiel ao seu sport favorito, dando aos cofres da Associação e aos clubs da primeira divisão, dezenas de contos.

O jôgo Bemfica-Imperio, arbitrado por Salvador do Carmo, foi em geral bom.

A caracteristica do «association» praticado por ambos os grupos, sendo sensivelmente a mesma, deu ensejo a uma exibição interessante e movimentada.

Os vermelhos conseguiram a vitoria por 3 a 0, devendo ser dito de passagem que o resultado não correspondeu á maneira como os «onzes» se equilibraram. Para um tal «score» contribuiram — sem ironia... — os avançados do Imperio, com os seus pessimos remates.

A salientar: a aza esquerda do Bemfica, que fez, na primeira parte, jogadas preciosas.

A arbitragem de Salvador do Carmo agradou. Parece-nos, depois de Rosmaninho, o juiz de melhores qualidades e de mais prometedor futuro.

* * *

O «match» Sporting-Belenenses resultou o que era de esperar—atendendo á qualidade do «foot-ball» praticado pelos dois grupos.

Desafio mais jogado em força do que em sciencia, o «match» de ontem entre os dois rivais da epoca passada, resultou um autentico desafio de campeonato, com todas as más caracteristicas que lhes são proprias.

O resultado foi um empate 2-2, com um «penalty» para cada lado.

E se não fôra a má actuação do trio central «azul e branco», porventura os homens do Campo Grande teriam sofrido ontem um revez comprometedor.

A arbitragem de Vitor Gonçalves, conscienciosa e imparcial.

Com os resultados de ontem, a classificação estabeleceu-se como segue:

Sporting, 5 pontos; Bemfica, 3 pontos; Casa Pia, 2 pontos; Belenenses, 2 pontos; Imperio, nenhum ponto.

NO TEATRO S. CARLOS

O ACTO

de homenagem

a Angela Pinto

vai constituir

uma consagração

Angela Pinto, a mais rutilante estrela da scena portuguesa, a unica que dispersou o seu valiosissimo talento por todos os generos de teatro, desde o drama intenso á revista ligeira e picante, vai ser consagrada na noite de 19 do corrente pelo publico de Lisboa.

Essa grandiosa festa de consagração que, como temos dito, se realisa no teatro de S. Carlos, será das que perduram na memoria de toda a gente como uma deslumbradora faisca de beleza.

O notavel actor Chaby Pinheiro lerá algumas palavras da autoria dum distinto jornalista e escritor, sobre a vida artistica de Angela.

Intercalados nessa peça literaria figurarão os seguintes papeis, creados pela ilustre actriz e que serão interpretados pelas nossas primeiras artistas: «A Lavadeira», da revista «A'lerta»; o Fado do Crime, da revista «O 31»; a Manuela da opereta «O Solar dos Barrigas», «Clarinha», dos «28 dias de Clarinha»; a canção do «vaudeville» «A Lagartixa»; «Zapateado», da zarzuela «Caramelo»; «Uma imitação de Mayol»; scenas da «Zázá», «Amor de Perdição», «Infante de Sagres», «Hamlet» e «A Severa».

A formosa e notabilissima «tonadillera» La Goya toma tambem parte, obsequiosamente, no brilhantissimo sarau, tendo pago dois «fauteuils» por quinhentos escudos.

O cardeal francês da «Ceia dos Cardeais», será interpretado pela grande actriz Lucilia Simões e o português e o espanhol, respectivamente, pelos ilustres actores José Ricardo e Eduardo Brazão. Os lamulos serão desempenhados pelas gentilissimas actrizes Auzenda de Oliveira, Maria Sampaio e Maria Corte Real e os escudeiros pelos distintos actores Erico Braga, Rafael Marques, Clemente Pinto e Henrique Alves.

A empreza Ramos L.da, do teatro S. Luiz, pagou uma frisa com um envelope fechado para ser entregue a Angela Pinto.

O sr. Lino Ferreira, ilustre administrador da Sociedade Artistica do teatro Nacional Almeida Garrett, adquiriu um camarote por trezentos escudos. O sr. Artur Ayres pagou um camarote por duzentos escudos e o sr. Joaquim Amarante, irmão do popular actor Estevam Amarante, um «fauteuil» por cincoenta escudos.

Do nosso ilustre camarada na imprensa sr. Rocha Martins, director do «A B C» recebeu a comissão o bilhete daquela revista para ser vendido a favor de Angela e mais vinte escudos para um «fauteuil» destinado ao seu critico teatral.

* * *

Os ilustres artistas sr.ª D. Lucilia Simões e sr. Erico Braga receberam a seguinte carta:

Sr.ª D. Lucilia Simões e sr. Erico Braga: Na qualidade de antigo fornecedor do Teatro de S. Carlos, cumpre-me informar V. Ex.as que ofereço gratuitamente a impressão dos cartazes para a recita de homenagem á ilustre actriz ex.ma Sr.ª D. Angela Pinto, de quem fui e sou admirador. Com a maior consideração seu de V. etc. *Luciano Lallement.*

JOAQUIM MANSO

Esteve de cama, durante alguns dias, o nosso querido director sr. dr. Joaquim Manso, que hoje retomou as suas funcções.

Baptisado evangelico

Em casa de seus paes, foi ontem baptisada, com o cerimonial evangelico, recebendo o nome de Izabel Luiza, uma filhinha do ministro da Igreja Protestante sr. José Ilidio Freire e da senhora D. Evangelina de Moraes Freire, e sobrinha do nosso camarada Lutero de Moraes.

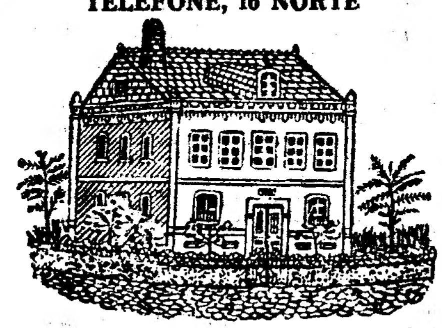
Presidiu ao solene acto, que foi assistido por muitos convidados, o sr. George Howes, tambem pastor evangelico e amigo pessoal da familia da neofita.

Alto Comissario de Moçambique

O vencimento, pelo coeficiente agora aprovado, do Alto Comissario de Moçambique, passa a ser de 420 contos anuais.

Mendonça, Limitada

TELEFONE, 16 NORTE



COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES — COLOCAÇÃO DE CAPITAL SOBRE HIPOTECAS E LETRAS
LEILÕES DE MOBILIAS
EM CASAS COMERCIAES E PARTICULARES
TRESPASSES
Comissões e consignações
AVENIDA DA LIBERDADE, 119-A — LISBOA

unicos agentes para Portugal
"ELETRIGIA"
SANTA JUSTA, 81

VINHO DE COLARES

V. S.

VISCONDE DE SALREU

Todos o devem preferir, e o unico que bebe em Lisboa engarrafado na origem.
Premiado com medalha de ouro e diploma de honra na Exposição do Rio de Janeiro.
Pedidos a D. J. Silva, L.da
Rua Rodrigues Sampaio, 15
Telefone n.° 1711

«ORIGINAL ODHNER»

TELEF. N. 4190 — A MELHOR CALCULADORA DO MUNDO
R. DO AMPARO, 66

GAZOLINA «SHELL» PETROLEO

QUALIDADE SUPERIOR

Oleos combustiveis — **Oleos de lubrificação**

PEDIDOS Á

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.° L.TD

LISBOA — **Rua do Crucifixo, 49**
PORTO — **246, Rua Mousinho da Silveira, 250**

DESCOBERTA SCIENTIFICA

Acaba de ser posto á venda no mercado o sôro radio-activo «SEDUCTIOL», preparado capilar contra a queda do cabelo, caspa e calvicie. Impedindo o embranquecimento dos cabelos, conserva-lhes todo o vigor da juventude.

Obtido no Laboratorio do «SEDUCTIOL».

Deposito:—Rua da Madalena, 152, 2.°, E.—Lisboa

Radio Rex

Brinquedo maravilhoso
Distrae crianças e adultos
A maior novidade da actualidade

Chamando o cão, mesmo a distancia, sai imediatamente do canil

Á venda na Casa Bénard 100 Rua Garrett, 102

MADEIRAS DO BRASIL

EM ARMAZEM E Á DESCARGA
Macahuba, Freijo, Cêdro, Pau santo, etc.
ADRIANO TELES, Ltd.a
Largo S. Domingos, 12—Tel. 3887 N.
Filial no Porto: RUA DE SÁ DA BANDEIRA, 75
DESCONTO AOS REVENDEDORES

Albertino da Costa Feio

FALECEU

Joana Emilia da Costa Feio, suas filhas, netas e genros, cunhadas e sobrinhas participam que faleceu no dia 8 do corrente, na sua casa da Rua dos Correeiros, 204, 4.° andar, esquerdo, e foi sepultado no dia 10, no cemiterio do Alto de S. João, seu querido marido, pae, avô, sogro, cunhado e tio, o qual expressamente determinou que fosse enviado um adeus saudoso a todos os seus amigos e pessoas de familia, e que o seu funeral só fosse anunciado vinte e quatro horas depois de realisado.

Lisboa, 11/11/923.

Colocação

Individuo de 28 anos, tendo estado em Africa como instrutor nas companhias indigenas, tendo longa pratica de serviços de escritorio e 10 anos de drogas e artigos congeneres, deseja obter colocação em qualquer ponto de Africa ou Brasil. Dirigir carta para as iniciais M. A. P. — Praça do Anjo, n.° 40 — Porto.

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

CAPITAL 4.950 CONTOS

SÉDE SOCIAL—Travessa de Santo Antonio da Sé, N.° 21—LISBOA

Emissão de 180.000 acções

Nos termos do § 1.° do Art. 69.° dos Estatutos e da resolução do Conselho Geral de 24 de Outubro proximo passado, é elevado o capital desta Companhia a 9.000 contos, e, para esse fim, aberta a subscripção de 180.000 acções do valor nominal de Esc. 22$50 nas seguintes condições:

1.ª — O preço da emissão é, para os Srs. Accionistas e Obrigacionistas, de trinta e seis escudos (36$00) e, para o publico, de quarenta escudos (40$00), com direito a um dividendo egual a 25 % do que fôr distribuido ás acções da 1.ª emissão em complemento do relativo ao exercicio de 1923;

2.ª — Aos Srs. Accionistas em primeiro logar e depois aos Srs. Obrigacionistas é dada a preferencia para toda a emissão, na proporção dos titulos que possuirem, sujeita a rateio;

3.ª — Os pagamentos realizam-se:

	Para os Srs. Accionistas e Obrigacionistas	Para o publico
No acto da subscripção	**9$00**	**13$00**
Em 3 de Dezembro de 1923 e por cada acção que couber ao subscriptor	**27$00**	**27$00**
	36$00	**40$00**

Os subscriptores que não liberarem as acções por ocasião do 2.° pagamento, pagarão:

Em 3 de Dezembro de 1923	**9$50**
Em 2 de Janeiro de 1924	**9$00**
Em 2 de Fevereiro de 1924	**9$00**
	27$50

Na falta de pagamento de qualquer das prestações, nos prasos marcados ficam os respectivo subscriptores sujeitos ás prescripções legaes e estatutarias.

As subscripções recebem-se nos dias 12 a 14 de Novembro, inclusivé, das 10 1/2 horas ás 16;

Em **Lisboa,** na séde da **Companhia Geral de Credito Predial Portuguez,** Travessa de Santo Antonio da Sé, N.° 21;

No **Porto,** na **Delegação** da mesma **Companhia,** Praça d'Almeida Garrett, N.° 35.

Lisboa, 7 de Novembro de 1923.

O GOVERNADOR
J. A. DE SOUSA RODRIGUES

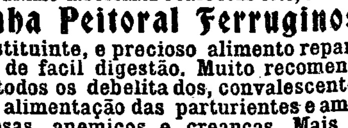
CORREIA LEITE, SANTOS & C.A

BANQUEIROS

53, Rua Augusta, 59 — **101, Rua da Conceição, 107**

COMPRA E VENDA DE CAMBIAIS
TODAS AS OPERAÇOES BANCARIAS

GRAND PRIX
MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO - LONDRES 1904
PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES:



R. JANEIRO 1908, ANVERS 1894, BELEM 1893 — LONDRES 1904, LISBOA 1888, PARIS 1889
MOSTRUARIO INDUSTRIAL PORTUGUÊS 1918, ETC.

Farinha Peitoral Ferruginosa

Tonico reconstituinte, e precioso alimento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Muito recomendada pelos Medicos a todos os debelitados, convalescentes de qualquer doença, na alimentação das parturientes e amas de leite, pessoas edosas, anemicos e creanças. Mais de 50 anos de resultados sempre eficazes comprovados por numerosos atestados.

DEPOSITO GERAL-FARMACIA FRANCO, FILHOS
RUA DE BELEM, 147-LISBOA
Á VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

1918-1923

O dia do armisticio

Em França e na Inglaterra

PARIS, 12

O aniversario da vitoria foi celebrado por toda a França com o mesmo entusiasmo dos anos anteriores. A cerimonia de domingo, em que foi aceso o lampedario sobre o tumulo do soldado desconhecido, foi objecto de numerosos artigos. O «Figaro» lembra que em 14 de Julho de 1918, em que não obstante se ter anunciado que tinham sido postados contra Paris 36 «Berthas», a multidão parisiense acorreu á porta do Dauphiné para saudar os exercitos aliados que passavam em revista e repetia com entusiasmo: «Bate-los-hemos!» e sob os bombardeamentos não perdeu a fé nos seus destinos. Tambem agora a turba, desfilando silenciosa e sem temor em frente do tumulo simbolico, repete: «Batê-los-hemos!» e significa «a derrota de Ludendorff».

A imprensa lembra as declarações de Ludendorff feitas em 21 de Setembro de 1921 ao «Matin», em que o general disse nomeadamente:

«Todo o chefe militar deve saber claramente o que é possivel e o que não é ou então não é um bom chefe. No que me diz respeito pessoalmente, vivo na Baviera unicamente como um simples particular e não exerço nem jamais tentarei exercer uma autoridade qualquer sobre o governo bavaro».

Assim, acrescenta o mesmo jornal, o procedimento dos alemães tem sempre sido inteiramente contrario ao que afirmam.—(E.)

Uma cerimonia

na Abadia de Westminster

LONDRES, 11

O quinto aniversario da assinatura do armisticio foi solenemente comemorado em todo o Imperio Britanico.

O Rei Jorge V assistiu ao serviço religioso na Abadia de Westminster, tendo o Principe de Galles colocado uma corôa no tumulo do soldado desconhecido e igual tributo foi prestado pela Rainha Alexandra, pelo Duque de Connaught, pela Armada, Exercito, Governo, Aeronautica e Dominios.

Depois de terem sido observados dois minutos de grande e solene silencio, o Bispo de Londres proferiu um patriotico sermão, seguindo-se o desfile de uma enorme multidão que depôs sobre o tumulo inumeros ramos de flôres.

Em todas as egrejas das diversas religiões se celebraram solenes exequias pelos mortos na guerra—*(Especial).*

DR. JOSÉ BONITO
Retomou a sua clinica

LAMPADAS ELECTRICAS
Mendes & Paixão, L.da
14, RUA DA BOA VISTA, 14

MAQUINAS DE ESCREVER
IDEAL
A mais completa, accessorios e reparações garantidas. Cuintino Ltd.ª. Tel. N. 4225. ESCADINHAS DO DUQUE, N.º 3, 1.º (Proximo á estação).

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

AS IRONIAS do destino

O pacifismo de Wilson

a cinco anos do armisticio

A celebração do aniversario do armisticio lembra, naturalmente, um balanço ás realisações de pacifismo operadas depois da grande guerra e por virtude dela, para melhor se avaliar quais foram, nesse respeito, as lições praticas dadas aos povos, que se degladiaram numa luta feroz, crentes de que se sacrificavam pelo advento de um mundo melhor, e que ha cinco anos já andam em cata de uma felicidade que nunca chega.

Quando o sr. Wilson, o imperador da Paz, apareceu no palacio historico de Versailles a prégar aquela doutrina nova dos seus 14 pontos sobre os quais devia assentar a tranquilidade futura das gentes, a humanidade inteira rejubilou, realentada pela promessa feliz que se lhe fazia de uma paz perene entre todos os homens.

Mas... se já o proprio Cristo tinha morrido na cruz sem que o seu portentoso sacrificio conseguisse quebrar a sanha odienta, a ambição vingativa dos homens, como seria possivel que o sr. Wilson, plagiando o fundador do Cristianismo em pleno seculo XX, obtivesse um exito maior, na porfia sempre inutil da pacificação universal?

Viu-se. Foi precisamente o ponto mais justiceiramente decantado do programa wilsoniano o que mais depressa comprometeu a paz da Europa e do mundo. O sr. Woodrow Wilson havia afirmado que os povos tinham o direito de dispôr livremente de si proprios; e toda a gente achou optima a ideia—que, aliás, era já velha de muitos seculos—e todos os sociologos se convenceram desde logo de que era aquele, de facto, o segredo de cuja revelação resultaria o «finis» decisivo, seguro, inderrubavel, de todos os dissidios, de todas as disputas que dividiam os bulhentos habitadores do globo.

Afinal, era uma ilusão mais... Os povos escudaram-se na ideia plagiada do sr. Wilson, e deram em clamar contra as tutelas que os tinham em maior ou menor servidão. Começou a Irlanda; seguiu-se o Egito, e a Alta Silesia, e a Hungria, e a Ukrania, e a Polonia, e o Riff, e a Renania, e as Filipinas... e nunca mais houve verdadeira paz sobre a terra, precisamente em nome e por causa de um principio que a todos se antolhava a ultima palavra do progresso pacificador.

Agora, para que o raio vá cair, como um castigo da Providencia, em casa dos proprios pregoeiros da doutrina, a grande confederação americana começa já, tambem, a saber quanto é amargo e paradoxal, na pratica, a tal utopia do sr. Wilson. O arquipelago que Magalhães deu á Espanha reclama, por seu turno, o direito, que ninguem poderá negar-lhe e muito menos os norte-americanos, de ser admitido nos proveitos e nas conclusões dos 14 pontos wilsonianos.

Não parece uma ironia sangrenta do destino?

O HOMEM MISTERIOSO

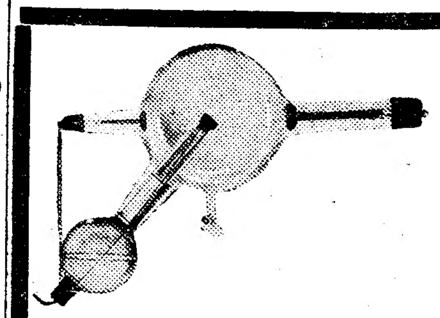
Que em 1920 profetizou a morte de **Machado Santos** e outro acontecimentos publicos e diz o vosso passado, presente e futuro em amores e casamentos, negocios, viagens: mudanças de vida, etc., é o **astrologo J. Rabestana,** que se mudou para a rua de S. Nicolau, n.º 13-4.º frente—Lisboa.

Consultas das 11 ás 17. Se escrever envie **2$500 réis** para a resposta.

OS GRANDS MAGASINS DU PRINTEMPS
de PARIS
pedem-nos para informar-mos as nossas leitoras que podem obter todos os artigos que vendem em Paris, dirigindo-se á sua agencia em Lisboa
RUA IVENS, 56 (CHIADO)

Dr. Manuel Barbosa
CLINICA GERAL
RUA DO OURO, 191

DISPAM-SE
E VISTAM-SE DE NOVO
NA CASA DONAS
Os fabricantes Donas, da Covilhã, vendem directamente ao publico todas as qualidades de fazendas de lã para fatos, sobretudos, vestidos e casacos em todos os padrões e côres quasi por metade dos preços.
Depositos de vendas a retalho:
Em LISBOA — Rua dos Fanqueiros, 187-2.º
No PORTO — Rua Fernandes Tomár, 392-A


Ampolas para radiologia
«PHILIPS»
Concessionarios exclusivos:
ESTABELECIMENTOS ALVARO CAMPOS
=LISBOA==PORTO=

DE BERLIM

O fim da Alemanha

Entrevista com von Hitler

MUNICH, 12

Os jornais bavaros dão detalhes da revolta, Um redactor do «Zeit» que esteve no quartel general de Hitler e de Ludendorff diz que as scenas ai presenciadas lembravam os primeiros dias da guerra.

Febrilmente, distribuem-se uniformes, rações e equipamentos.

Alistavam-se recrutas que acorriam entusiasmados. Os automoveis blindados evolucionavam em redor do campo assim como as auto-metralhadoras que os «sid-cars» conduzindo oficiais e ordenanças. Chegavam noticias a todo o momento do desenrolar dos sucessos. Os oficiais mostravam-se optimistas dizendo que Ludendorff e Hitler possuiam sob as suas ordens em toda a Baviera 160.600 homens dispostos a vencer.

O jornalista esteve no pequeno aposento em que se encontrava Ludendorff, Hitler e oficiais do Estado Maior. Conseguiu conversar com Hitler que o recebeu cortezmente mas que se mostrava num estado de fadiga excessiva e de exgotamento nervoso. Hitler é um homem baixo, estava vestido com um casaco de borracha, com a barba por fazer e com um revolver á cinta, dando uma impressão um pouco comica. Ludendorff estava nervosissimo.—(R.)

O governo

lançou uma proclamação

MUNICH, 12

Diz-se que Hitler continua a juntar os seus partidarios, não desistindo dos seus propositos. O seu trabalho de anos na organisação de forças armadas ilegais deu em resultado esta tremenda confusão e este choque de forças, que veiu ainda mais agravar a situação interna geral e da Baviera em especial.

O governo lançou uma proclamação dizendo que a acção de Hitler e dos seus companheitinha sido um acto de traição contra a Baviera e contra a confederação alemã.

Hitler e os seus partidarios contavam, depois de vitoriosos, com a queda do governo Stressmann, propondo-se avançar rapidamente sobre Berlim e estabelecer aí um governo nacionalista, que tomaria medidas de caracter nacional e internacional da maior importancia.—(R.)

A revolta

não era monarquica

BERLIM, 12

O principe Rupertch da Baviera, de quem von Kahr é amigo e que nunca esteve em boas relações com Ludendorff, exerceu toda a sua acção no sentido de eliminar o movimento revolucionario, que não era favoravel á restauração da dinastia dos Wittelbach.—(R.)

Ultimo episodio

do belo «film» «O Inimigo Fantasma»

Um belo programa o de ámanhã no Condes. Para o valorizar bastaria anunciar-se a estreia do ultimo episodio do *Inimigo Fantasma,* o admiravel romance de aventuras atentamente seguido desde o começo por milhares de pessoas sumamente interessadas no desenrolar do seu emocionante entrecho. No programa de hoje figura mais uma vez a bela comedia *A Filha Natural,* em 5 partes, primoroso desempenho da gentil actriz Anita Stewart. Muito breve a sensacional reaparição de Max Linder na soberba comedia *Pior que uma sogra,* ultima notavel criação do grande artista.

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

A CRISE POLITICA

O deputado Cunha Leal

expõe ao "Diario de Lisboa"

as razões do procedimento do Partido Nacionalista

A' imparcialidade, que é a divisa que o *Diario de Lisboa* em todas as conjunturas procura manter, levou-nos a procurar, dentre o Directorio Nacionalista, e após as suas derradeiras e irrevogaveis resoluções, quem nos explicasse as razões de um acto politico, cuja responsabilidade se pode classificar de—tremenda.

Procurámos, neste momento em que sobre o partido nacionalista recaem severas criticas, uma pessoa que no decorrer da questão assinalou a sua acção por uma forma notavel: o sr. Cunha Leal.

* * *

O sub-*leader* nacionalista, ao nosso pedido, retorquiu:

—Falarei... em legitima defesa.

—Em legitima defesa?

—Sim. O barulho escandaloso, que se tem feito á volta do fracasso da organização dum governo pseudo-nacional da presidencia do sr. dr. Afonso Costa, prova apenas que este país constitui um meio eminentemente apto á cultura do fanatismo e da intolerancia. Porque é que a carne do judeu era consumida outrora nas fogueiras dos autos de fé? Porque o cristão, acreditando que o Deus, a que prestava culto, era o unico verdadeiro, julgava sem direito á vida todos os que não comungavam no seu credo. Porque é que certos portugueses lançam a excomunhão e espumam de raiva homicida contra os que, não sendo incondicionais admiradores do sr. dr. Afonso Costa, se não prestaram a deixar-se atrelar ao seu carro triunfal? Porque o sr. dr. Afonso Costa é, por esses tantos fanaticos, considerado como um autentico Messias, como o unico politico com sciencia e com patriotismo.

* * *

Após uma rapida vista de olhos pelo nuro do nosso colega *O Seculo*, que dava á estampa uma entrevista em que o sr. dr. Afonso Costa expunha os motivos da sua desistencia de constituição do ministerio:

—O sr. dr. Afonso Costa, contagiado pela admiração excessiva, que por aí se exibiu, começa a olhar para si proprio como uma pessoa indiscutivel. Perguntam-lhe alguns por um programa de governo? Responde sua ex.ª em entrevista publicada no *Seculo*, pela forma seguinte, que é bem sintomatica.

E desdobrando o jornal, leu:

Oiço agora por aí a afirmação de que eu nem sequer tinha programa. Como se eu o não tivesse já exposto, como o devia. O programa de um governo nacional neste momento não podia definir-se senão por principios gerais. Restabelecer o credito interno e externo do país, equilibrar o orçamento, continuar pagando honradamente os encargos do Estado, pôr, em resumo a casa em ordem e levar o País a ter confiança em si mesmo.»

Depois, virando-se para nós, e acentuando aquele seu metal de voz, forte e animado por um ligeiro sotaque beirão, e já tão nosso conhecido dos discursos parlamentares:

—Como se vê, isto é tudo e não é nada ao mesmo tempo, porque é o classico programa do velho tipo português que é o amigo Banana. Opõem alguns portugueses naturais reservas á utilidade da acção do sr. dr. Afonso Costa? Na mesma entrevista, ele se encarrega de nos manifestar a sua magua por tanto desrespeito e ousadia:

Para governar agora era preciso, porventura, que eu me sujeitasse a provas antecipadas? O meu passado e o meu afastamento da vida partidaria não eram suficientes motivos para quebrar todas as reservas? Parece-me que sim, tanto mais que lá de longe, por circunstancias que todos conhecem, continuei a amar, e amo cada vez mais o meu paiz.

E' um caso especialissimo de narcisismo intelectual, alimentado pelo meio. O sr. dr. Afonso Costa, que é uma pessoa superiormente inteligente, fez, antes da sua chegada, recomendar, por intermedio do sr. dr. Germano Martins, que o não endeusassem. E' que, conhecendo-se bem, o sr. dr. Afonso Costa adivinhava que se lhe começassem a chamar Messias, não resistia á tentação de enfiar a carapuça na cabeça. E, por isso, acautelava-se...

* * *

Proseguindo a sua critica, rigida, severa, adivinhando-se o flutuar do seu espirito entre a consideração pessoal que lhe merece o sr. dr. Afonso Costa e a discordancia com o seu procedimento politico, acrescenta o nosso entrevistado:

—Detalhemos a personalidade politica do sr. dr. Afonso Costa, para melhor se compreender a atitude do Partido Nacionalista. O ilustre homem publico fez no ministerio das Finanças uma obra interessante, á qual não regatearei a minha homenagem sincera. Foi um administrador zeloso dos dinheiros publicos que soube defender honradamente. Mas a sua acção administrativa caracteriza-se tambem por alguns erros palmares, tais como o contrato com a casa *Furness*. E, já depois de exilado em Paris, a sua intervenção na celebre burla dos 50 milhões de dollars não é das mais proprias a impô-lo como um administrador cuja experiencia, como os dogmas, se não discute. Como se justificaria, pois, que nos puzessemos, incondicionalmente, ás ordens de um português aliás tão distinto? Do passado de administrador do sr. dr. Afonso Costa poderia e deveria resultar uma espectativa benevola, que, por elasticidade, poderia ir até ao apoio parlamentar. E mais nada, porque os problemas nacionais se agravaram, depois da guerra, a um ponto tal que os normais processos, que até então haviam sido seguidos na administração publica, tem de dar lugar a concepções mais amplas e rasgadas. E' o sr. dr. Afonso Costa homem capaz de as elaborar? Não o nego, nem o afirmo. Mas então porque é que sua ex.ª tanto desdenha de nos explicar, miudamente, os seus propositos? Seria a unica forma possivel de nos convencer. Porque a não empregou?

* * *

—Ha, neste caso, um aspecto que para nós, jornalistas é primacial: inegavelmente o sr. dr. Afonso Costa representa uma forte e coesa corrente de opinião publica. Se meteram esse importante factor em linha de conta, viu bem o Partido Nacionalista a responsabilidade que assim adquiriu?

—A personalidade politica do sr. dr. Afonso Costa tem, realmente, esse aspecto, que é forçoso não deixar na penumbra. O sr. dr. Afonso Costa deu no ministerio da Justiça do Governo Provisorio expressão a um certo numero de aspirações das massas republicanas. Mas, levado pelo impulso inicial, foi, por vezes, mais além do que devia ir, tal sucedendo, por exemplo, com o caso da lei da separação, origem de tantas lutas e reações com a Republica. Isso lhe creou naturalmente, adeptos entre os extremistas do velho e glorioso partido republicano. Agrupados á sua volta, e talvez muitas vezes sem o seu aplauso intimo, mas sempre, pelo menos, sem a sua desaprovação publica, os extremistas iniciaram uma obra de perseguição e intolerancia que atingiu, indistintamente, adversarios e defensores do regimen. E' creação dos seus partidarios e amigos intimos a celebre *formiga branca*, que provocou o aparecimento consecutivo de formigas de tantas outras côres. O Afonso Costa que se sumiu na voragem de Paris em fins de 1917, foi este — o idolo do jacobinismo ultra-rubro da Republica. O Afonso Costa que nos aparece agora, levado aliaz num andor ás costas dos mesmos jacobinos pretende — afirma-se passar de bandeira de guerra a bandeira de paz. Quem serve de fiador aos seus propositos?

—As suas palavras, no entanto, para nós que julgamos conhecer a opinião publica, não conseguem desfazer a impressão, nela arreigada, de que ao procedimento do partido nacionalista se deve a perda da valiosa cooperação do sr. dr. Afonso Costa na solução das graves crises que afligem o país...

O sr. Cunha Leal, vivamente:

—Mas é isso um erro! Nunca os nacionalistas se opuzeram a que o sr. dr. Afonso Costa puzesse, de novo, á prova as suas capacidades e talentos. Não receavamos—nem tal receio seria digno de portugueses—que o sr. dr. Afonso Costa, salvando o país, de qualquer forma roubasse ao partido nacionalista o maior quinhão de gloria na tarefa sagrada do ressurgimento. Somos dos que põem a ideia de Partido abaixo da ideia da Republica, e a ideia de Republica abaixo da ideia da Patria.

«No emtanto, se o meu partido chegava a desejar que se fizesse a experiencia Afonso Costa, isto não quer dizer que ele acreditasse cegamente nas virtudes da panaceia. Ligar os nossos destinos aos do homem á sombra de cujo nome tantas perseguições haviam sido feitas a correligionarios nossos *era impossivel, absolutamente impossivel.* Para tornar viavel um tal absordo, era preciso acreditar—repito—numa metamorfose do homem e na excelencia dos seus metodos. Ter-se-hia a larva transformado em borboleta? Não o sabiamos, nem o sabemos.

«Nestas condições, emparceirar no governo com o sr. dr. Afonso Costa, depois de termos declarado ao sr. Presidente da Republica que estavamos aptos a governar, só poderia significar uma de três causas:—obediencia a coacções, cobardia fisica ou tacita confissão de incapacidade!

«Se era isso que se desejava de nós, pretendia-se simplesmente que o partido nacionalista se suicidasse. Não estamos dispostos a isso.

* * *

Felizmente, dominado, ainda, pela agitação das suas ultimas palavras, passeia o sr. Cunha Leal no corredor da Camara dos Deputados que serviu de teatro a este dialogo; antes: á exposição das razões politicas do nacionalismo.

Depois, emquanto á pressa anotavamos no nosso canhenho as curiosas declarações que acima ficam:

—Diga, meu amigo, no seu jornal, estas palavras definitivas:

Quem é que julgou este momento o mais proprio para a constituição de um governo nacional? Foi acaso o sr. Presidente da Republica? Não: S. ex.ª apenas falou ao meu partido na formação de um governo democratico. Tenho, portanto, de concluir que foram os democraticos quem marcou a necessidade e a oportunidade duma tal experiencia.

E quem é que escolheu o nome do sr. dr. Afonso Costa para a presidencia do governo nacional que se pretendia ensaiar? Foi, acaso, o sr. Presidente da Republica que, pondo-se fora e acima dos partidos, teve uma tal ideia? Não: foram ainda os inevitaveis democraticos quem o elegeu, fazendo-o aceitar pelo sr. Presidente da Republica, e pretendendo impô-lo ao meu partido.

Ora, neste caso, a unica entidade, que tinha autoridade para tentar convencer-nos, era o sr. Presidente da Republica. E esse julgou, com certeza, o caso tão insignificante que, só por isso, nem sequer nele nos falou. O resto seria prestar vassalagem ao Partido Democratico. Haverá, por aí, algum português, amigo da ordem e do seu país, que tenha coragem para nos aconselhar essa humilhação?

Lá voltou o nosso interlocutor á Camara dos Deputados, preocupada, então, com a chamada — para se ir embora, por falta de numero...

Ainda não ha GOVERNO

e os boatos fervilham...

Hoje quizemos saber novidades politicas bem frescas, mas pouco ou nada obtivemos. Quanto á marcha da crise, existe nos meios politicos uma acentuada desorientação. Trocámos impressões com cêrca de vinte deputados democraticos, e nenhum nos pôde explicar o que se passa, alegando completa ignorancia. Com os nacionalistas o mesmo sucede. Reina, no entanto, entre eles, a par dessa ignorancia, a impressão de que se prepara por banda dos seus adversarios um *coup de thèatre.*

* * *

Um boato, que nos garantiram estar prestes a converter-se em noticia: o sr. dr. Afonso Costa, instado por muitas e variadas entidades, sente decrescer em seu animo a repugnancia pela formula: ministerio extra-partidario. Mas o que fôr soará.

Outro boato, mas menos verosimil: o sr. presidente da Republica, no caso do sr. Catanho de Menezes desistir—e o boato percorreu insistentemente a Baixa—convidará para constituir governo o sr. João Chagas. Este, instaria com o sr. dr. Afonso Costa para aceitar a pasta das Finanças.

* * *

O sr. dr. Catanho de Meneses proseguiu hoje, durante todo o dia, as suas «démarches» para a constituição do governo. Sabêmos que conferenciou com varias individualidades, mas não temos qualquer noticia de que os seus esforços tenham sido coroados de exito.

Ao fim da tarde, tendo telefonado para a presidencia da Republica, a proposito de um boato que dava como certa a desistencia do sr. dr. Catanho de Menezes, respondeu-nos o secretario do sr. presidente Teixeira Gomes não haver desse facto qualquer comunicação oficial, não tendo o indigitado presidente de ministerio dado eco da sua acção.

THE MAGESTIC
Reparações de automoveis e carrosseries
RUA DO ARCO DO CEGO, 15-A